

US\$ 7,4 bilhões de juros só este

Mas o documento do Banco Central sobre os números da dívida externa diz que o balanço de pagamentos terá superávit este ano,

A dívida externa do Brasil, em setembro, era de US\$ 98,3 bilhões e, apenas nos nove primeiros meses do ano, custou ao País US\$ 7,4 bilhões em juros.



Esses dados constam da quinta versão do documento "Brasil — Programa Econômico — Ajustamento Interno e Externo", divulgado ontem pelo Banco Central. O chefe da missão do FMI que está em Brasília, Thomas Reichmann (foto), por sua vez, confirmou informação de Pastore, dizendo que até o fim da semana deverão estar concluídas as negociações sobre a sétima carta de intenções que o Brasil enviará ao Fundo.

O documento divulgado pelo BC mostra também que, graças aos bons resultados obtidos na conta comercial, o balanço de pagamentos, até setembro, apresentou um superávit de US\$ 5,8 bilhões, apesar do déficit do item serviços, que somou US\$ 9,2 bilhões.

De acordo com o documento, em decorrência dos desembolsos dos bancos comerciais estrangeiros

das parcelas relativas ao Projeto 1 e ao refinanciamento junto ao Clube de Paris, além de créditos no âmbito do Projeto 2, a conta capital, de janeiro a setembro, acumulou ingresso líquido de US\$ 5,4 bilhões. Em função desses números, o Banco Central estimou que o balanço de pagamentos, este ano, deverá apresentar um superávit de US\$ 6,5 bilhões.

Os investimentos diretos somaram US\$ 886 milhões, em comparação com US\$ 426 milhões registrados em janeiro-setembro do ano passado. No período, o valor dos empréstimos e financiamentos convertidos em investimentos atingiram US\$ 597 milhões.

Informa ainda o Banco Central que as amortizações, sempre considerando os nove primeiros meses do ano, totalizaram US\$ 5,7 bilhões, sendo US\$ 1,4 bilhão efetivamente pagos e US\$ 4,3 bilhões refinanciados, dos quais US\$ 3,3 bilhões junto aos bancos comerciais estrangeiros e US\$ 1 bilhão junto ao Clube de Paris.

As reservas internacionais, no conceito de liquidez internacional, alcançaram em setembro US\$ 9,6 bilhões, valor superior em US\$ 5,1 bilhões à posição de dezembro do

ano passado. Quanto à dívida externa, alcançou ao final de setembro US\$ 90,1 bilhões, com um aumento de 10,8% em relação à posição de dezembro do ano passado.

A dívida não registrada está estimada em US\$ 8,2 bilhões, comparativamente à posição de US\$ 10,3 bilhões de dezembro do ano passado. O declínio, segundo explica o Banco Central, resulta basicamente do pagamento do saldo de atrasados registrado ao final de 1983.

Em seu documento, entregue aos bancos credores, o Banco Central estima um superávit de apenas US\$ 100 milhões do balanço de pagamento em 1985, comparativamente aos US\$ 6,5 bilhões previstos para o corrente ano, embora os haveres externos estejam previstos para crescer US\$ 1,8 bilhão. O saldo da balança comercial deverá situar-se "em nível ligeiramente abaixo" dos US\$ 12,6 bilhões estimados para 1984, em função de uma menor expansão do comércio mundial, eliminação do crédito-prêmio e aumento da demanda interna.

A expectativa é de um crescimento nominal de 24,3% nas importações de petróleo, em face da necessidade de recomposição de esto-

ques de matérias-primas, bens intermediários e bens de capital.

Diz o documento que, apesar do declínio atual das taxas de juros, aumentará no próximo ano a taxa média incidente sobre a parcela da dívida brasileira sujeita a taxas variáveis, em virtude da defasagem entre a variação da taxa e o pagamento dos respectivos juros. Estima o Banco Central que a taxa média da Libor a ser aplicada para pagamento de juros pelo Brasil em 1985 alcance 11,5%, superior à de 10,72% aplicada neste ano. Em face disso, a previsão é de que o déficit em conta corrente se eleve de US\$ 550 milhões neste ano para US\$ 3,0 bilhões em 1985.

O Banco Central também prevê uma redução do ingresso líquido de capitais no próximo ano, em comparação com 1984 e 1983, quando o ingresso alcançou US\$ 6,5 bilhões e US\$ 4,2 bilhões, respectivamente.

Com o aumento na utilização das linhas de crédito governamentais e do Eximbank, a par da menor expansão de créditos comerciais em cruzeiros, devido ao crescimento mais moderado das exportações, espera o Banco Central que ocorra reversão no movimento de saída líquida de capital de curto prazo.

ano
graças às exportações.